

"Moedas do Brasil"

O Instituto Histórico de S. Paulo vem de publicar o 1.º volume de "Moedas do Brasil" de Álvaro de Sales Oliveira. Falecido ao terminar seu monumental trabalho, encarregaram-se os seus companheiros da Sociedade Numismática Brasileira de revê-lo para fins de publicação, editando-o aquêle Instituto como marco comemorativo do seu cinquentenário.

A obra interessa ao historiador, ao economista e ao numismata. O 1.º capítulo trata das ocorrências do ouro no Brasil, historiando-as, descrevendo os métodos antigos de mineração, estudando, com ampla documentação, a legislação colonial das minas e apresentando a produção mundial e brasileira nesse setor.

O 2.º Capítulo é dedicado às abreviaturas e convenções usualmente empregadas na cunhagem das moedas. O 3.º apresenta tabelas utilíssimas dos pesos antigos e modernos das moedas brasileiras, seus títulos e as propriedades dos metais utilizados. O 4.º é consagrado ao estudo das ligas metálicas. O 5.º capítulo, de especial importância, constitui um desenvolvido estudo do meio circulante, com exame das noções fundamentais sobre a moeda, a moeda metálica e a moeda papel.

A enriquecer a obra vêm dois Prefácios; um de Pandiá Calogeras, que o escreveu pouco antes de falecer; outro do eminente mestre das nossas letras históricas — Prof. Afonso de E. Taunay.

O Prefácio de Taunay é uma verdadeira introdução ao estudo da moeda no Brasil. Com método, segurança e erudição, traça êle roteiro da numismática nacional, assinalando os marcos que devem balisar o caminho do estudioso. A êsse ensaio de historiografia da moeda recorrerão com proveito o historiado ansioso por desvendar motivos fundamentais do nosso passado, o economista desejoso de conhecer os problemas financeiros que defrontaram as outras gerações e as reações que provocaram, e o numismata pesquisador de informes para classificar moedas e completar coleções.

Taunay focaliza de modo particular em seu magnífico Prefácio o caso dos São Vicentes portugueses e brasileiros, ou seja, o da primeira Casa da Moeda no Brasil. Ponto fundamental de nossa História Monetária, êle é examinado pelo eminente mestre à luz da argumentação apresentada por Severino Sombra, cujas conclusões perfilha integralmente, assim como o faz Sales Oliveira no Preâmbulo do admirável trabalho.

Assim, na mais completa e moderna obra nacional de Numismática e História Monetária é consagrado o ponto de vista do Major Severino Sombra, defendido por Afonso Taunay e já adotado no 1.º Congresso Brasileiro de Numismática.

A obra de Álvaro de Sales Oliveira constitui elemento indispensável à biblioteca do estudioso do passado nacional e, portanto, da compreensão do nosso presente.

* *
*

A base da democracia é — acima de tudo — o ensino público. O indivíduo instruído é o cidadão inteligente; e o país em que todos os cidadãos são educados não deixa de ter um governo responsável e honesto.

Em New York acredita-se nesse princípio, e faz-se o possível para realizá-lo. A freqüência à escola é obrigatória, tanto para os ricos como para os pobres — para os brancos e para os pretos. Exige-se que todos os pais mandem os filhos para a escola primária quando êstes fazem seis anos e a nenhum aluno é permitido desistir antes do seu décimo sétimo aniversário. Esta lei é executada rigorosamente: o pai cujo filho não freqüenta a escola é capaz de ser prêso e multado. Se a culpa fôr do filho e não do pai, a criança pode ser internada numa casa de correção.

Além disso existe uma série de leis que proíbem o o emprêgo de menores de 17 anos, a não ser durante as férias e depois do dia escolar, e menores de 14 anos são bem freqüentadas e apesar do grande número delas, há sempre o problema da falta de espaço.

Uma coisa é a freqüência obrigatória e outra é o ensino. Embora um aluno freqüentasse a escola cada dia por onze anos, êle bem poderia sair no fim do período sem ter aproveitado nada. E' preciso fornecer um ensino que sirva para desenvolver os talentos do indivíduo e para ajudá-lo a assumir o lugar apropriado na sociedade. E como existem grandes diferenças entre as pessoas e como cada um tem as suas próprias habilidades, reconhecemos que o ensino deve ser variado, conforme as capacidades do indivíduo.

Naquela enorme cidade de mais ou menos oito milhões de habitantes, há mais de um milhão de crianças entre 6 e 17 anos — um milhão de pessoas a serem educadas. Não incluo neste número mais de cem mil que freqüentam as escolas católicas e mais alguns milhares de alunos das escolas particulares. Há 25 mil professores de escola primária, mais 5 mil do primeiro ciclo secundário, e mais 3 mil do segundo ciclo, o qual abrange o equivalente americano dos cursos técnicos e clássicos, e finalmente 2 mil das escolas industriais e comerciais. O orçamento anual excede \$150.000.000 ou 3.000.000,00 de cruzeiros. Essas cifras servem para indicar a magnitude do nosso problema: o de dar ensino a todos, e ao mesmo tempo de individualizá-lo de tal maneira que todos possam aproveitar para desenvolver as suas próprias capacidades.